



FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA “MINISTRO RALPH BIASI”
Curso Superior De Tecnologia Em Têxtil e Moda

LAVÍNIA CHAGAS NASCIMENTO

A RESPONSABILIDADE DA INDÚSTRIA DA MODA SOBRE TRANSTORNOS
ALIMENTARES

AMERICANA, SP
2025

LAVÍNIA CHAGAS NASCIMENTO

A RESPONSABILIDADE DA INDÚSTRIA DA MODA SOBRE TRANSTORNOS
ALIMENTARES

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em cumprimento à exigência curricular do Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Modapelo CEETEPS / Faculdade de Tecnologia – FATEC/ Americana – Ministro Ralph Biasi.

Área de concentração: Psicologia da Moda

Orientador: Prof. Dr. Daives Arakem Bergamasco

AMERICANA, SP

2025

NASCIMENTO, Lavínia Chagas

A responsabilidade da indústria da moda sobre transtornos alimentares. / Lavínia Chagas Nascimento – Americana, 2025.

38f.

Monografia (Curso Superior de Tecnologia em Têxtil e Moda) - - Faculdade de Tecnologia de Americana Ministro Ralph Biasi – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Orientador: Prof. Dr. Daives Arakem Bergamasco

1. Antropologia social 2. Moda 3. Psicologia. I. NASCIMENTO, Lavínia Chagas II. BERGAMASCO, Daives Arakem III. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – Faculdade de Tecnologia de Americana Ministro Ralph Biasi

CDU: 316

687016

159.9

Elaborada pelo autor por meio de sistema automático gerador de ficha catalográfica da Fatec de Americana Ministro Ralph Biasi.

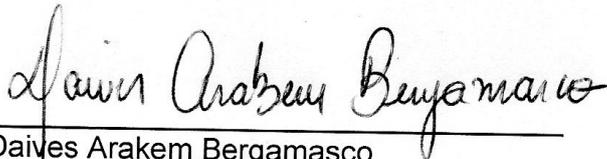
Lavínia Chagas Nascimento

A RESPONSABILIDADE DA INDUSTRIA DA MODA SOBRE TRANSTORNOS ALIMENTARES

Trabalho de graduação apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Têxtil e Moda pelo Centro Paula Souza – Faculdade de Tecnologia de Americana – Ministro Ralph Biasi.
Área de concentração: Psicologia da Moda

Americana, 27 de junho de 2025

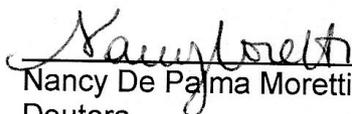
Banca Examinadora:



Daíves Arakem Bergamasco
Doutor
Fatec Americana–Ministro Ralph Biasi



Alex Paulo Siqueira Silva
Mestre
Fatec Americana–Ministro Ralph Biasi



Nancy De Palma Moretti
Doutora
Fatec Americana–Ministro Ralph Biasi

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo apoio e compreensão durante o desenvolvimento deste trabalho, e durante todo o tempo que dediquei ao curso. Agradeço também aos meus queridos amigos e namorado, por me ouvirem tagarelar sobre meu trabalho por todos esses meses. Por fim, agradeço aos meus gatos, ratos e cachorra, pela companhia nas horas trabalhadas nesse projeto.

**“Nós sempre temos que ser extraordinárias. Mas, de alguma forma,
parece que sempre estamos fazendo algo de errado.”**

- Barbie: o filme (2023)

RESUMO

Este estudo investiga a responsabilidade da indústria da moda sobre transtornos alimentares (TAs), tanto em seu ambiente profissional quanto no público consumidor, abordando como a promoção da magreza extrema contribui para esses complexos problemas de saúde. A metodologia empregou uma revisão bibliográfica abrangente, analisando padrões históricos de beleza, a evolução para a magreza extrema, tipos de TAs e suas causas, e examinando a influência da indústria em modelos e no público. Os resultados mostram que a indústria da moda, desde o início do século XX e movimentos como "Heroin Chic", idealizou a magreza a níveis biologicamente irreais. Essa pressão afeta modelos, gerando alta insatisfação corporal, distorção de imagem e TAs, como o caso de Ana Carolina Marcan e estudos de baixo IMC. Esse padrão inatingível também atinge a sociedade via mídia, elevando a insatisfação e os TAs entre consumidores. Conclui-se que, embora os TAs sejam multifatoriais, a indústria da moda tem responsabilidade significativa por promover uma estética prejudicial e inatingível. O trabalho destaca como suas exigências fomentam comportamentos alimentares anormais e contribuem para uma crise de saúde pública, enfatizando a urgência de uma abordagem mais ética e responsável, que priorize diversidade e saúde.

Palavras-chave: Moda, Transtornos Alimentares, Padrões de Beleza, Magreza, Indústria da Moda.

ABSTRACT

This study investigates the responsibility of the fashion industry regarding eating disorders (EDs), both in its professional environment and its consumer public, approaching how extreme thinness promotion contributes to these complex health problems. The methodology applied a wide-ranging bibliographic review, analyzing historical beauty standards, the evolution to extreme thinness, EDs types and its causes, and examining the influence of the industry in fashion models and the general public. The results show that the fashion industry, since the beginning of the 20th century and movements like “Heroin Chic”, have conceived thinness to biologically unreal levels. That pressure affects fashion models, creating high body dissatisfaction, image distortion and EDs, as in Ana Carolina Marcan’s case and low BMI studies. This unachievable standard also affects society, through the media, raising body dissatisfaction and EDs cases among the consumers. Therefore, even though EDs are multifactorial, the fashion industry has meaningful responsibility by promoting unachievable harmful aesthetics. The study highlights how its requirements encourage abnormal eating behaviors and contribute to a public health crisis, emphasizing the urgency of a more ethical and responsible approach that prioritizes health and diversity.

Keywords: Fashion, Eating Disorders, Beauty Standards, Thinness, Fashion Industry

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Nascimento de Vênus	12
Figura 2: Vênus de Willendorf	13
Figura 3: Virgem de Melun	14
Figura 4: Christine de Pizan	14
Figura 5: A Primavera	15
Figura 6: Vênus e Adonis	16
Figura 7: O retrato da Marquesa de Pompadour	17
Figura 8: A princesa de Broglie	18
Figura 9: Elizabete da Áustria	19
Figura 10: Kate Moss	27
Figura 11: Kate Moss	28

SUMÁRIO

1INTRODUÇÃO	10
2A MAGRA E A BELA OU A BELA É A MAGRA?	12
3CULTO À MAGREZA – CONTEXTO HISTÓRICO.....	20
4O QUE SÃO TRANSTORNOS ALIMENTARES?	22
4.1 Tipos mais frequentes de transtornos alimentares.....	22
4.2 O que causa transtorno alimentares?	23
5MODELOS E A EXTREMA MAGREZA – A FALSA GENÉTICA DOS TRANSTORNOS ALIMENTARES	24
5.1 Heroin Chic	27
6FORA DAS PASSARELAS – COMO A MODA INFLUENCIA EM TRANSTORNOS ALIMENTARES FORA DA INDÚSTRIA	30
7CONCLUSÃO	33
REFERENCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

A busca por um ideal de beleza é uma constante na história, moldada por fatores culturais, sociais e econômicos de cada época. Desde as formas robustas da Vênus de Willendorf, que se acredita ter simbolizado fertilidade e abundância em sociedades paleolíticas, até as figuras renascentistas com seus ventres arredondados e a valorização da fartura na Idade Média, os padrões estéticos sempre refletiram os valores e as condições de vida de um povo. No entanto, a partir do século XX, e de forma mais acentuada nas últimas décadas, observa-se uma transição drástica para a glorificação da magreza extrema como o ápice da beleza, um fenômeno que se tornou onipresente e, muitas vezes, inatingível para a maioria das pessoas. Essa imposição de um corpo esguio, quase etéreo, não é apenas uma preferência estética; ela se tornou um imperativo social, amplamente difundido e reforçado por diversos setores, com a indústria da moda desempenhando um papel central. A moda, com seu poder de ditar tendências e influenciar comportamentos, tem promovido um ideal de corpo que, para muitos, é biologicamente irrealista, gerando uma pressão estética sem precedentes. Essa pressão se manifesta tanto no ambiente profissional da própria indústria, onde modelos são submetidas a exigências rigorosas de peso e medidas, quanto no público consumidor, que internaliza esses padrões e busca incessantemente adequar-se a eles.

O resultado dessa incessante busca pela magreza idealizada é um cenário preocupante de saúde pública. Os transtornos alimentares (TAs), como a Anorexia Nervosa, a Bulimia Nervosa e o Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica, são distúrbios complexos e multifatoriais que afetam milhões de pessoas globalmente, com o Brasil registrando uma parcela significativa desses casos. Essas condições, caracterizadas por hábitos alimentares desarmônicos e uma visão distorcida da própria imagem corporal, podem levar a sérios danos físicos e psicológicos, e até mesmo à morte, como evidenciado por casos trágicos no próprio universo da moda. A complexidade desses transtornos, influenciados por fatores biológicos, psicológicos e ambientais, torna imperativa uma análise aprofundada sobre o papel dos agentes sociais na sua proliferação. Nesse contexto, emerge uma questão crucial: qual é a real responsabilidade da indústria da moda na gênese e na perpetuação desses transtornos alimentares? Embora a etiologia dos TAs seja complexa e não possa ser atribuída a uma única causa, é inegável que o ambiente social e cultural, fortemente

influenciado pela moda e pela mídia, desempenha um papel catalisador. A glamorização da magreza, a falta de representatividade de corpos diversos e a pressão por um padrão estético inatingível criam um terreno fértil para a insatisfação corporal e o desenvolvimento de comportamentos alimentares disfuncionais. Compreender a extensão dessa responsabilidade e os mecanismos pelos quais a indústria da moda impacta a saúde mental e física de indivíduos, tanto em seu círculo interno quanto na sociedade em geral, é um desafio que este trabalho busca enfrentar.

Diante do exposto, este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral analisar a responsabilidade da indústria da moda no desenvolvimento e na perpetuação de transtornos alimentares, tanto no âmbito profissional quanto no público consumidor, buscando compreender a complexa relação entre os padrões estéticos promovidos e a saúde mental e física dos indivíduos. Para alcançar essa proposta, a pesquisa se desdobrará em uma série de investigações específicas. Primeiramente, será fundamental revisitar e analisar a evolução dos padrões de beleza ao longo da história, compreendendo como a magreza extrema se estabeleceu como um ideal dominante e os motivos que levaram a essa valorização. Em seguida, buscaremos identificar os tipos mais frequentes de transtornos alimentares e suas possíveis causas, fornecendo uma base conceitual sólida para a discussão sobre a influência da moda. Um ponto crucial será investigar a influência da indústria da moda nos profissionais do setor, como modelos, e os impactos de suas exigências estéticas na saúde mental e física desses indivíduos, abordando casos e estudos relevantes. Além disso, analisaremos como os padrões de beleza promovidos pela moda afetam o público consumidor, contribuindo para a insatisfação corporal, a busca por dietas restritivas e o desenvolvimento de transtornos alimentares fora do ambiente profissional. Por fim, o estudo se dedicará a discutir as implicações sociais e de saúde pública decorrentes da glamorização da magreza e da falta de regulamentação na indústria da moda, propondo uma reflexão sobre a necessidade de um ambiente social mais saudável e inclusivo. Através dessa análise aprofundada, espera-se contribuir para a conscientização sobre os perigos dos padrões estéticos irrealistas e para o debate sobre a necessidade de uma indústria da moda mais ética e responsável, que promova a diversidade e a saúde em detrimento de ideais prejudiciais.

2 A MAGRA E A BELA OU A BELA É A MAGRA?

Por volta de 1485, o pintor italiano Sandro Botticelli produziu uma obra intitulada “O Nascimento de Vênus”, representando a deusa romana Vênus (Cooch, 2025.). Na mitologia romana, essa divindade simboliza o amor, o sexo, a beleza e a fertilidade, sendo até considerada um ideal de beleza feminina (Garcia, 2013).

Figura 1: Nascimento de Vênus

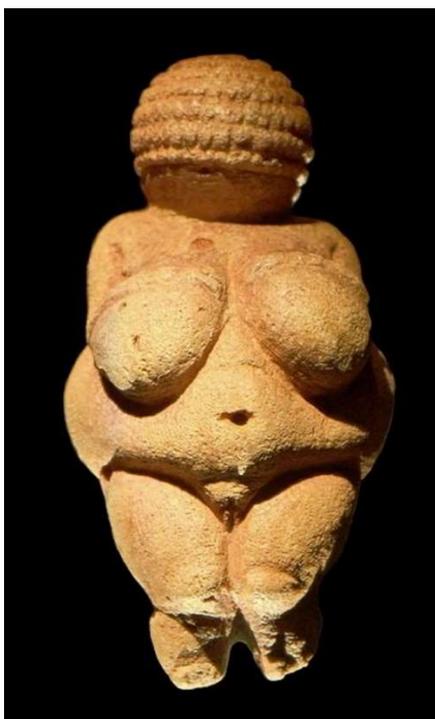


Fonte: Botticelli, 1485

Na figura 1, observa-se a donzela central, representando a deusa Vênus. Seus cabelos são dourados, sua pele é alva, os membros são alongados e seu abdômen é arredondado e saliente.

Em 1908, o arqueólogo Josef Szombathy descobriu uma pequena estatueta, nas proximidades da vila austríaca de Willendorf (Figura 2). Na época, os acadêmicos nomearam a peça, de maneira imprudente, com “Vênus de Willendorf”, pois acreditavam que aquela poderia representar alguma outra deusa ligada ao amor e à beleza (Zygmunt,2015).

Figura 2: Vênus de Willendorf



Fonte: Moreira, 2023

A estátua foi datada da Era Paleolítica, entre 22 e 24 mil anos atrás, e acredita-se que seu real significado esteja ligado à fertilidade (Moreira, 2023). Ao analisarmos a imagem, vemos uma mulher de corpo robusto, grandes mamas e órgãos genitais expostos, características muito diferentes da imagem da mulher moderna ou, ao menos, daquela propagada como ideal.

Cassemiro (2012) relembra a relação da Grécia Antiga com o corpo. Os gregos acreditavam na existência de uma harmonia entre corpo e alma. Portanto, manter o corpo em forma e saudável significava preservar a alma da mesma maneira. A autora exemplifica esse conceito por meio das antigas estatuas gregas, que retratam indivíduos com o físico atlético. Segundo Cassemiro, " Sócrates acreditava que a saúde era o bem mais precioso do homem, juntamente com a beleza contida no corpo." (CASSEMIRO, 2012 p.67). Carmo Junior (2005) acrescenta que o filósofo não separava corpo e alma e demonstrava grande preocupação em aperfeiçoar a harmonia entre intelecto e beleza física. Enquanto praticava exercícios físicos com seus pupilos, Sócrates também discutia as melhores dietas para manter boa forma.

Rouso (2000) comenta sobre o ideal de beleza na idade média. O forte controle religioso sobre a sociedade transformava o corpo, principalmente o feminino, em um tabu. A vaidade era vista como pecaminosa, e apenas a beleza da virgem

recatada pode ser aceita, em alusão à Virgem Maria. A donzela medieval é descrita como:

“A heroína que conquista os corações dos cavaleiros tem a pele ‘branca como lírio, leite ou espinheiro alvar’ [...] ela é dotada de um corpo virginal e delicado, esguio e gracioso, com ombros ligeiramente caídos, busto comprido, membros longos, quadris arrebitados, ventre arredondado, proeminente, sob uma cintura fina.” (ROUSSO, 2000 p.42). A figura 3 traz a imagem da virgem, com um seio amostra e um bebê no colo, lembrando muito a imagem da Virgem Maria.

Figura 3: Virgem de Melun



Fonte: Fouquet, 1450

Machado (2022) aponta que, na Idade Média, o corpo gordo tinha uma influência distinta. Devido à escassez de recursos, à fome generalizada e aos frequentes problemas com plantio e colheita, um corpo mais avantajado era sinal de fartura. Vigarello (2012) destaca que, embora a gordura fosse valorizada, havia limites para seu excesso. Relatos medievais evitavam o termo “gordo”, optando por expressões como “cheia”. O autor sugere que, mesmo em uma época de escassez, um corpo excessivamente volumoso poderia ser interpretado como sinal de fracasso moral. Na figura 4 é possível observar uma jovem de bochechas arredondadas e ventre saliente. A moça escreve em um livro e está acompanhada de um cachorro.

Figura 4: Christine de Pizan



Fonte: Pizan, 1410-1414

Durante o Renascimento, a percepção de beleza sofreu alterações. Segundo Rousso (2000), o corpo deixou de ser visto como pecaminoso e passou a ser considerado uma dádiva divina para que a mulher cumprisse seu papel estabelecido por Deus. A autora destaca que a beleza renascentista foi rigidamente descrita por Augusto Nifo, em sua obra *Sobre a Beleza e o Amor*.

“Nenhum osso deve marcar o largo peito cujos seios têm a forma duma pêra invertida; a mulher ideal é alta sem o auxílio de saltos, tem ombros largos, cintura fina, quadris amplos e redondos, mãos rechonchudas, mas dedos afilados; tem pernas roliças e pés pequenos” (ROUSSO, 2000 p.46)

Figura 5: A Primavera



Fonte: Botticelli, 1477-1482

O quadro de Botticelli (Figura 5) traz figuras que acreditam ser representações de figuras mitológicas gregas (Cintra,2022). Na pintura podemos observar seis figuras femininas, um jovem rapaz, um bebê alado e uma figura obscura, lembrando um espectro. As jovens moças representadas carregam características das belas mulheres do renascimento, como os longos cabelos loiros e o ventre avantajado.

De acordo com Rouso (2000) também havia um limite para o tamanho de um corpo, pois o excesso poderia indicar ócio. “[...] Ombros, braços, seios, e quadris se dilatam e se tornam volumosos.” (ROUSSO, 2000 p.51).

Outro ótimo exemplo é o representado por Peter Paul Rubens na obra “Vênus e Adonis”, do período pós-renascimento (Figura 6). A pintura mostra uma jovem de pele alva, cabelos loiros e longos, coxas grossas, abdômen saliente e largo, e grandes mamas, outra representação da deusa Vênus. A donzela segura o braço de um rapaz, que representa Adonis, descrito como um belo caçador. É possível observar também um bebê com asas nas costas, uma representação do cupido, impedindo o jovem rapaz pelas pernas (Soares,2021). Outra vez, a divindade do amor e da beleza foi representada como uma mulher que foge os padrões da modernidade.

Figura 6: Vênus e Adonis



Fonte: Rubens, 1635

Os padrões renascentistas ressurgiram no século XVIII. As mulheres da corte do Rei Sol são descritas como “corpos roliços, rostos doces e delicados de nariz curto, lábios redondos e queixos pontudos[.]” (ROUSSO, 2000 p.62). No ano de 1755, o pintor Quentin De La Tour retrata Jeanne-Antoinette (Figura 7), uma das amantes oficiais do rei Luís XV, e uma das mais influentes.

Figura 7: O retrato da Marquesa de Pompadour



Fonte: Quentin De La Tour, 1748-1755

No século XIX, conforme afirma Ximenes (2011), a mulher era dignificada pela família e era restrita ao ambiente privado. “A percepção de seu corpo é de que seu esqueleto é pouco desenvolvido, com mãos e pés pequenos, mas esse corpo também deve informar sobre as funções naturais da reprodutora: as ancas deveriam ser redondas.” (XIMENES, 2011 p.39) O quadro de Ingres, intitulado “A princesa de Broglie” (Figura 8) representa muito bem a frágil beleza da jovem romântica, com expressões melancólicas e ombros caídos, a jovem posa em um vestido azul bufante, que afina sua cintura, e tem os cabelos pretos presos, contrastando com a palidez de sua pele.

Figura 8: A princesa de Broglie



Fonte: Ingres, 1853

Rouso (2000) descreve a mulher romântica como frágil, melancólica e marcada por uma palidez cadavérica. Para alcançar tal imagem, muitas mulheres não hesitavam em jejuar ao ponto do desmaio. Comer pouco demonstrava indiferença aos prazeres materiais. As mulheres eram tão fracas que tremiam. “Se a beleza dos surrealistas seria convulsiva, a dos românticos era trêmula.” (ROUSSO, 2000 p.68).

A delicadeza feminina reafirma o papel social da mulher, assim como o modelo de corpo considerado belo no século XIX.

“A mulher evidencia e amplia em seu corpo as referências de seu papel de progenitora, decorrentes das formas arredondadas dadas ao seu quadril e traseiro, remontando às ancestrais representações da mulher de ancas enormes que, de fato, simbolizavam a fertilidade.” (XIMENES, 2011, p. 49). Elizabete da Áustria, também conhecida como Sisi, foi eternizada no ano de 1864 pelo pintor Winterhalter (Figura 9). Ela era esposa do imperador Franz Josef, e era conhecida por sua beleza. A imperatriz é uma das figuras históricas que são lembradas por sua obsessão com beleza, demorando horas para cuidar de seus cabelos, colocar espartilhos especiais para afinar ainda mais a cintura, além das rigorosas dietas e prática exagerada de exercícios físicos, o que alguns consideram muito similar à comportamentos relacionados a transtornos alimentares (Lopes,2024).

Figura 9: Elizabete da Áustria



Fonte: Winterhalter, 1864

3 CULTO À MAGREZA – CONTEXTO HISTÓRICO.

Apesar da intensa pressão estética exercida pela sociedade contemporânea para a manutenção de corpos extremamente magros, tal questão não é uma característica exclusiva do momento.

Segundo Blackman(2012, p.31), o corpo ideal no início do século XX deveria ser “maduro e feminino”, o que resultou na forte adesão ao uso do espartilho. O autor menciona os espartilhos do tipo grego e do tipo S – cuja forma se assemelhava à imagem feminina de perfil -, que projetavam o busto para frente, empurravam o quadril para trás e comprimiam ao máximo a cintura.

Vigarello (2006) observa que a imposição do padrão da magreza ganha força a partir da década de 1930, período que o autor considera como o início da consolidação desse ideal. Nessa época, recomendava-se que pessoas com estatura de 1,60 metros pesassem, em média, 55 quilos. Stevenson (2012) explica que a importância atribuída à forma física nessa década decorreu da disseminação de dietas restritivas e a prática de exercícios físicos, embora outros métodos menos convencionais, como uso de pílulas e até sabonetes emagrecedores, ainda fossem empregados. Andrade (2018) ressalta que, nos anos 1930, possuir um corpo esguio era sinônimo de modernidade.

Farrell (2011) e Aires (2023), por outro lado, apresentam outra perspectiva sobre o surgimento do culto a magreza. Farrell (2011) aponta que, antes do século XX, a gordura era associada à riqueza e à saúde. No entanto, após a década de 1920, observou-se um avanço significativo dos movimentos feministas em escala global, aliado à intensificação do capitalismo, ao desenvolvimento da sociedade de consumo e ao fortalecimento do liberalismo. Aires (2023) relaciona as conquistas das mulheres no mercado de trabalho e a mudança do papel social feminino à busca por um corpo magro, uma vez que, à época, o corpo gordo era considerado o padrão reprodutivo ideal, reafirmando o papel das mulheres enquanto esposas e mães.

Segundo Aires (2023, p.312) “é interessante perceber paradoxos nesse processo, pois ao associar liberdade ao corpo, as mulheres acabam novamente se sujeitando a uma forma corporal ideal”.

Fraser (2011) argumenta que o ideal de magreza imposto no início do século XX teve origem na Europa, onde muitos poetas e artistas contraíram tuberculose, o que conferiu aos doentes uma aparência frágil e magra. Nesse sentido, Aires (2023,

p. 314) explica que “os membros da alta sociedade passaram a difundir a crença de que ter tuberculose e estar magro indicava que o sujeito possuía uma natureza superior, delicada e intelectual.”

Como consequência desse processo de valorização da magreza, o corpo gordo passou a ser estigmatizado e vinculado a significados negativos (Aires, 2023). Farrell (2011) chama atenção para o fato de que pessoas gordas de classe média eram ridicularizadas, consideradas excessivas e descontroladas, sem refinamento no consumo e sem capacidade de lidar com os prazeres, o que contrastava com a associação anterior entre gordura e riqueza, comum antes do século XX. A partir desse momento, a magreza passou a ser interpretada como sinônimo de superioridade.

O protestantismo, que ganhava força nesse período, desempenhou um papel significativo na valorização da magreza. Dentro da religião o peso corporal tornou-se um critério de valor individual. O puritanismo religioso relacionava a magreza à classe e à moralidade, enquanto a gordura era vista como imoral, sexual e pecaminosa (Aires,2023).

Farrell (2011) também aponta a associação da gordura a um corpo “não civilizado”, enquanto a magreza era relacionada a um corpo civilizado. A autora apresenta relatos sobre a apreciação de corpos gordos em culturas consideradas inferiores pelos europeus, como, por exemplo, algumas culturas africanas. Aires (2023) observa que, dentro desse contexto, ser gordo era associado à não branquitude.

Segundo Farrell (2011, p.68) “um corpo gordo, então, era um corpo primitivo, mais baixo na escala da civilização e altamente sexual”.

No final do século XIX, o protestantismo passou a associar o corpo gordo a uma relação deficiente com Deus, conforme afirma Aires (2023). Dessa forma, o corpo magro passou a ser considerado um sinal de proximidade e agrado ao divino.

4 O QUE SÃO TRANSTORNOS ALIMENTARES?

Os transtornos alimentares são distúrbios complexos que afetam o comportamento alimentar e a relação do indivíduo com a comida. Essas condições geralmente estão associadas a preocupações excessivas com o peso e a aparência física, podendo gerar impactos significativos na saúde física e mental. A compreensão dessas doenças é fundamental para a adoção de medidas preventivas e terapêuticas adequadas.

Segundo Rittenhouse (2021), os transtornos alimentares são caracterizados por hábitos alimentares desarmônicos, resultantes de um intenso sofrimento ou preocupação com peso e a forma corporal. Em última instância, tais condições podem causar sérios danos à saúde.

Barrone (2022) classifica os transtornos alimentares como doenças de natureza mental, que provocam perturbações nos comportamentos relacionados à alimentação. Esses distúrbios podem se manifestar de diferentes formas, como a restrição extrema da ingestão alimentar, episódios compulsivos de alimentação e comportamentos compensatórios inadequados, como o uso de laxantes ou a indução de vômitos.

4.1 Tipos mais frequentes de transtornos alimentares

Segundo Rittenhouse (2021), são três os mais frequentes transtornos alimentares presentes em nossa sociedade

Anorexia Nervosa – Pessoas com anorexia nervosa têm um medo intenso de ganhar peso, recusam-se a manter um peso saudável e possuem uma visão distorcida do próprio corpo. Elas costumam comer muito pouco e se veem acima do peso, mesmo estando magras. A anorexia pode causar sérios problemas de saúde, como danos ao cérebro, falha de órgãos, enfraquecimento dos ossos, problemas no coração e infertilidade. O risco de morte é alto para quem sofre dessa doença.

Bulimia Nervosa – Envolve episódios de compulsão alimentar seguidos por comportamentos para compensar o excesso, como vômitos, exercícios exagerados ou uso de laxantes e diuréticos. Pessoas com bulimia costumam ter medo de ganhar peso e se sentem insatisfeitas com seu corpo. O ciclo de comer em excesso e depois tentar eliminar a comida geralmente acontece em segredo, causando vergonha, culpa e perda de controle, podendo trazer sérios problemas de saúde, como distúrbios

digestivos, desidratação e complicações cardíacas devido ao desequilíbrio de eletrólitos.

Transtorno de Compulsão Alimentar Periódica – Pessoas com esse transtorno perdem o controle sobre a alimentação, mas, ao contrário da bulimia, não tentam compensar com vômitos, jejum ou exercícios intensos, podendo levar ao ganho de peso e aumentar o risco de doenças, como problemas cardíacos. Além disso, muitos sentem culpa, angústia e vergonha após os episódios de compulsão, o que pode agravar o problema.

4.2 O que causa transtorno alimentares?

Rittenhouse (2021) cita a complexidade dos transtornos alimentares, e são influenciados por vários fatores. A causa exata ainda é desconhecida, mas acredita-se que uma combinação das anormalidades biológicas – como funções hormonais irregulares, genética e deficiências nutricionais-, psicológicas – imagem negativa do corpo e baixa autoestima – ou fatores ambientais – dinâmicas familiares disfuncionais, profissões que promovem a magreza, ou práticas e carreiras e esporte em que corpos magros mostram melhores resultados – podem contribuir para o desenvolvimento de tais doenças.

5 MODELOS E A EXTREMA MAGREZA – A FALSA GENÉTICA DOS TRANSTORNOS ALIMENTARES

A psicanalista Pascale Navarri, em sua obra “Moda & Inconsciente”, apresenta o caso da modelo brasileira Ana Carolina Marcan, que iniciou sua carreira aos 18 anos, pesando 51 kg e com 1,73 metro de altura. Segundo a autora, a agência de Ana Carolina teria classificado a jovem como obesa (Navarri, 2010). No dia 14 de novembro de 2006, Ana Carolina Marcan morre aos 21 anos, pesando apenas 40kg, devido o quadro de anorexia da modelo (Gazeta do Povo, 2006).

No ano de 2009, a modelo britânica Kate Moss fez uma afirmação polêmica durante uma entrevista para a revista Women’s Wear Daily (WWD). Moss alega que um de seus lemas de vida é que “não há nada melhor do que se sentir magra” (G1, 2009).

O ideal magro, ou seja, “magreza é igual a beleza”, requer que as mulheres tenham o peso tão baixo que é irreal do ponto de vista biológico. A extensão da brecha entre pressão cultural e realidade biológica representa a questão do controle corporal: até onde e por quanto tempo um indivíduo consegue controlar o próprio peso e a própria forma corporal? (Bogár, 2019). O corpo feminino que está na média de peso comum deve ter entre 22 e 25% de gordura corporal, enquanto as atuais supermodelos e atrizes tem apenas 10-15% (Wilfley e Rodin, 1995).

Um estudo publicado na Wiley Online Library em 2022, aborda a frequência de hábitos ligados à transtornos alimentares entre modelos. Para tal estudo foi gerado um questionário que foi aplicado para 179 modelos e 261 “não modelos”, tendo estes grupos entre 16 e 37 anos. O resultado mostrou que o grupo de modelos, apesar de ter a altura média maior – modelos: 1,77m, não modelos: 1,67-, tinha o IMC (índice de massa corporal) abaixo que o grupo de não modelos - modelos: 18.1, não modelos: 22.1. É importante ressaltar que 21.2% das modelos entrevistadas tinham o IMC abaixo de 17, o que se classifica como extremamente abaixo do peso, enquanto no grupo de não modelos apenas 4,2% das entrevistadas estavam abaixo de 17. (Bogàr et al, 2022).

Ainda no mesmo estudo 3,9% das modelos apresentaram sinais de anorexia nervosa, do grupo de não modelos 1,1% apresentaram os mesmos sintomas. 1,7% de modelos apresentaram sintomas de bulimia nervosa, enquanto no grupo de não modelos foram apenas 0,4% (Bogàr et al, 2022).

No ano de 2017 a Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento realizou um estudo focado nos modelos da cidade de São Paulo, investigando a percepção dos mesmos sobre seus próprios corpos. O estudo foi aplicado para 23 modelos, sendo eles homens e mulheres a partir de 10 anos de idade, e 73,9% dos participantes se declararam adolescentes. O estudo concluiu que 65,2% dos participantes eram eutróficos (estão dentro do peso ideal), 65,2% não estavam satisfeitos com o próprio corpo e 52,2% apresentaram distorção de imagem, enxergando à si mesmo maiores do que realmente são (Oliveira, et al, 2018).

Outro estudo interessante foi o realizado por Lia Castelan, no ano de 2004. Lia entrevistou modelos aspirantes, entre 13 e 21 anos de idade. A pesquisadora aplicou um formulário semiestruturado. Um aspecto relevante das entrevistas é que as modelos afirmaram que mulheres extremamente magras não são atraentes, e citaram exemplos de personas fora do padrão manequim das passarelas para expressarem como seria o corpo da mulher ideal. Apesar das afirmações, muitas relataram comportamentos restritos em relação a comida, como não comer a noite, diminuir a quantidade ingerida durante o almoço e não comer nada entre as refeições. Apesar de não gostarem de parecer extremamente magras, as participantes ressaltaram que aparentando como tal seria mais fácil conseguir grandes trabalhos (Castelan,2004).

Ainda analisando as entrevistas de Castelan, as participantes comentaram não ter nenhuma recomendação ou acompanhamento médico para fazer regime (Castelan,2004). "Para manter o peso eu me sacrifico em várias coisas (. . .) Comida normalmente eu não me sacrifico, porque eu não como arroz, nem feijão, nem frutas, eu só como maçã, eu não como verduras, nem legumes. (. . .) Então às vezes eu tenho fraqueza. Mas isso não me engorda, nunca me engordou". (CASTELAN,2004 p.27). Outro relato comum era de pais e mães que incentivavam os maus hábitos alimentares em prol da magreza. "Minha mãe sempre gostou e sempre me ajudou (a manter a forma para ser modelo), e não reclama de eu comer pouco. No entanto de eu comer fruta, legume ..." (CASTELAN, 2014 p.28).

Castelan conclui "Parece-nos que é como se através do reconhecimento público de sua beleza, as modelos entrevistadas pudessem ser mais felizes" (CASTELAN, 2014 p.29).

Na pesquisa conduzida por Fixsen et al. (2022), as participantes, todas modelos profissionais anônimas, relatam que qualquer pequeno ganho de peso poderia mudar a atitude de uma agência a respeito de uma modelo, e também pontuaram que não

havia consequências para o caso contrário, quando modelos estavam claramente abaixo do peso, além da falta de limites claros para quão baixas deveriam ser as medidas de alguém. As participantes compartilham que ao mesmo tempo, a forma do corpo de uma modelo também deveria ser maleável, dependendo do que fosse requerido por uma temporada ou show específico, o que causava sentimentos de frustração e rejeição quando as regras simplesmente mudavam.

Ainda na pesquisa conduzida por Fixsen et al. (2022), foi apontado que como consequência do foco da indústria em corpos magros, as participantes começaram a considerar a restrição alimentar como algo essencial para o trabalho. Elas relatam experiências onde muitas modelos lutavam contra seus pesos iam à extremos para alcançar e manter a forma corporal desejada, apesar de todo o estereótipo de modelos terem corpos esguios naturalmente. Fixsen et al. (2022) até cita como mulheres com pré disposição à transtornos alimentares, ou que já são portadoras do mesmo, costumam escolher profissões dentro da moda, já que a pressão estética da mesma é aceita mais facilmente por essas pessoas.

Segundo Rittenhouse (2022), muitos modelos não reportam a pressão estética que passam por medo de sofrerem retaliação dentro de suas agencias ou pelas marcas contratantes. O estudo performado pela Wiley Online Library também cita esse tipo de situação, mencionando outro estudo que revelou que 62% das profissionais entrevistadas afirmaram terem recebido orientação para perder peso, com a intenção de conseguirem mais sucesso em suas carreiras. O estudo continua por afirmar que essa pressão é difícil de ser ignorada, já que a carreira de modelo é considerada altamente competitiva, e sempre existem modelos jovens disponíveis para substituir as que não se encaixam mais (Bogår et al, 2022). “Por trás do glamour das passarelas, historias modelos reais retratam o lado obscuro e toxico dessa indústria que inclui assédio sexual, ficar sem ingerir alimentos por longas horas, vício em drogas, e sentimentos suicidas” (FIXSEN et al, 2022 p. 82)

Em 2010, a grife MIUMIU contratou a modelo britânica Lindsey Wixson, que na época tinha 15 anos, sob o pretexto que a modelo era “o ápice da feminilidade”. Apesar de o público consumidor da marca ser composto por mulheres mais velhas, uma adolescente tornou-se a representante da mesma (Heinzelmann et. al.,2014). A psicanalista Pascale Navarri ressalta quão entrelaçados estão a magreza na moda e androgenia, quando um estilista pode se refletir numa modelo pois é incapaz de discernir se aquele é um corpo feminino ou masculino (Navarri,2010).

“Assim, a top model seria a representação de uma menina que virou mulher mas que transmite a ilusão de não ter atravessado a puberdade. Sua grande estatura dá a impressão de que se trata de uma adulta, mas uma adulta que teria conseguido a proeza admirável de ter se tornado adulta sem adquirir a menor forma feminina. Um híbrida ‘grande-pequena’, ‘mulher-homem’, ‘objeto cabide-mulher viva” (NAVARRI, 2014 p.78).

A professora Denise Bernuzzi Sant'Anna cita a obra de Naomi Wolf, “Mito da Beleza”, onde a autora comenta sobre como a sociedade perdeu a noção da aparência real de uma mulher, associando as exigências relacionadas à aparência a uma concepção naturalizada da busca pela juventude (Sant'anna, 2004). “A busca incessante pela juventude tornou-se uma das justificativas para a magreza.” (HEINZELMANN et. al, 2014 p. 301).

5.1 Heroin Chic

Segundo Hayes (2022) o “Heroin Chic” foi um movimento estético popular da década de 90 que glorificava corpos magros e com aparência desnutrida, maquiagens pesadas e com ar amanhecido, pele pálida, e aparência desgredada num geral, como em roupas e cabelos. Rossi (2022) comenta sobre como o movimento glamourizava a aparência de usuários de heroína durante os anos noventa.” O visual representava uma quebra com os excessos coloridos que predominaram nos anos 1980 por trazer uma melancolia – dissidente também dos anseios do movimento grunge – que se aproximava da vida real: desconstruída e imperfeita” (ROSSI, 2022).

Hayes (2022) continua por dizer como modelos como Kate Moss popularizaram o visual, com um vão aparente entre as coxas, ossos dos quadris saltados, ossos da clavícula extremamente marcados e cinturas retas, também aumentando as taxas de transtornos alimentares. A figura 10 mostra a famosa modelo Kate Moss, pelas lentes da fotógrafa britânica Corinne Day, dita como uma das responsáveis por disseminar o “Heroin Chic” pelo mundo, assim como o fotógrafo italiano Davide Sorrenti (Rossi,2022).

Figura 10: Kate Moss

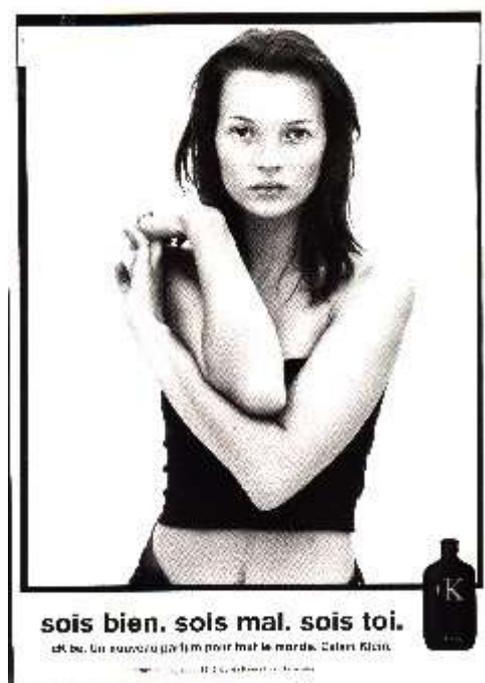


Fonte: G1,2010

Halnon (2009) e Rossi (2022) concordam ao comentarem outras influências para popularização do Heroin Chic. Segundo ambas as autoras o estilo musical “grunge” teve sua parcela na divulgação de tal movimento, com bandas como Nirvana e Pear Jam. Halnon (2009) fala sobre como o visual de Kurt Cobain, vocalista da banda Nirvana, se assemelhava de certa forma com a estética do Heroin Chic, assim como as letras cheias de angústia e a forma como o cantor enxergava a vida. Cobain faleceu no ano de 1994, vítima de suicídio por overdose. Houve também a produção de filmes em cima da temática da heroína, o que ambas as autoras julgam também ter parcela na disseminação do movimento. Rossi (2022) cita os filmes *Pulp fiction* (1994) e *Diário de um adolescente* (1995). Já Halnon (2009) cita *Transpotting* (1996) e *Basquiat* (1996), que, segundo a autora são filmes com uma perspectiva intrusiva. Halnon (2009) comenta que esses filmes foram muito criticados na época, pois transformavam o vício em heroína em uma aventura exótica e fascinante de outro mundo, com elementos de voyeurismo.

Ainda durante o auge do Heroin Chic, no ano de 1996, a marca Calvin Klein lançou a campanha de sua nova fragrância chamada CK Be, com fotos promocionais onde os modelos posaram com aparência magra e debilitada, com ares de um viciado. A fotos eram protagonizadas por modelos como Kate Moss (Figura 11), Felix DeN’Yeurt, Vincent Gallo e outros.

Figura 11: Kate Moss



Fonte: Pinterest, 2014

A estética do heroin chic passa a ser questionada quando o fotógrafo Davide Sorrenti morreu aos 22 anos, devido uma overdose de heroína. A mãe de Sorrenti redigiu uma carta ao mercado de moda pedindo para pararem com a romantização do uso de substâncias, causando um grande impacto (Rossi, 2022).

Segundo Rossi (2022), apesar de o pós pandemia do Covid-19 ter proporcionado uma local propício para o heroin chic – o uso de cigarros por jovens aumentou, trends de moda que valorizam a silhueta manequim estão de volta, e houve aumento nos casos hospitalares de transtornos alimentares- a autora acredita que o movimento não vai ser interessante para essa geração, já que a conscientização das consequências de uso de drogas é abordada abertamente na atualidade, diferentemente da imagem cool que era associada nos anos 90. Apesar dos comentários de Rossi, Smith et al.(2023) chama atenção para os perigos da volta de trends e estilos que favorecem a extrema magreza. Segundo o autor, a vontade de se encaixar á estilos e de perder peso favorece o uso de drogas, dessa vez não com a ideia de ser cool como pregava o heroin chic, e sim apenas com a finalidade de se manter magro. Mesmo não sendo a heroína em si, o uso de substâncias com a única finalidade de ter um corpo esguio pode trazer diversos malefícios, tanto ao corpo quanto à mente de um indivíduo.

6 FORA DAS PASSARELAS – COMO A MODA INFLUENCIA EM TRANSTORNOS ALIMENTARES FORA DA INDÚSTRIA

Segundo o Instituto IBN Suzana Lyra (2024), e dados da Associação Brasileira de Psiquiatria, 70 milhões de pessoas sofrem de distúrbios alimentares no mundo, e 15 milhões delas são brasileiras. Tu (2007) afirma que notícias sobre como as mulheres sofrem com a obsessão pela magreza são um fenômeno mundial. O autor exemplifica usando o caso de uma garota taiwanesa de 16 anos que foi diagnosticada com anorexia nervosa, que pesava 54kg, mas chegou aos 29 em um período de 6 meses, resultando também em um quadro de pressão severa.

Para Tu (2007) graças à tendência predominante da magreza, promovida pela mídia em nossa sociedade, muitas mulheres se sentem forçadas a viver com o mito da beleza, o que exige que elas se espremam dentro de tamanhos menores de roupa, apenas para serem consideradas atraentes. Segundo Spettigue et al. (2004), aparentemente revistas de moda e beleza tem um impacto significativo no processo de desenvolvimento de identidade de jovens mulheres, especialmente no que diz questão ao aprendizado de papéis de gênero, formação de identidade e desenvolvimento de valores e crenças. A autora cita algumas pesquisas realizadas, em uma delas garotas entre 11 e 17 anos foram perguntadas sobre o que pediriam caso tivessem ganhado três desejos mágicos, e a maioria respondeu que se pudessem pedir qualquer coisa, pediriam para perder peso e manter o corpo magro. Na outra pesquisa citada, dessa vez realizada com mulheres de meia idade, foi perguntado o que elas mais gostariam de mudar em suas vidas, e mais da metade respondeu que mudaria o próprio peso.

Spettigue et al. (2004) compara revistas de beleza com manuais para ajudar mulheres que sofrem de transtornos alimentares em sua tentativa de obter um padrão impossível e ilusório de magreza física, enquanto as revistas de moda apoiam o desejo anoréxico em restringir, por endossar e promover mensagens que encorajam dietas e o corpo magro. “A indústria da moda aliada à mídia influencia milhares de indivíduos a seguirem um padrão de beleza irracional e preocupante, que muitas vezes podem ser desnecessários e prejudiciais à saúde dos mesmo, sendo assim um dos grandes fatores desencadeantes de TA (Transtornos Alimentares), principalmente em adolescentes do sexo feminino” (SOUZA ET AL., 2015 p.154).

Oliveira et al. (2010) destaca que os padrões de beleza difundidos pela mídia são fatores culturais que contribuem para o aumento dos transtornos alimentares na sociedade atual, especialmente entre mulheres. Souza (2015) completa ao ressaltar que mesmo quando as mulheres se encontram nos seus respectivos pesos ideais e estão saudáveis, elas ainda procuram emagrecer e se encaixar nos padrões estéticos difundidos, visto que isso contribui para que associem a magreza a atributos como sucesso, superação e atratividade sexual.

Pensando no significado do corpo na nossa sociedade, Barreto (2013) afirma que o corpo é aquilo que nos torna sujeito, sendo objeto de preocupação constante — seja por razões estéticas, seja por questões de saúde —, refletindo um modo particular de ser e de sentir no mundo. A autora prossegue “[...] hoje a aparência do corpo é uma das maiores preocupações, muito mais do que com a própria saúde. A beleza é hoje uma necessidade, sendo construída dentro de padrões influenciados pelo mercado e pela moda, utilizando-se recursos materiais, cirúrgicos [...]” (BARRETO, 2013 p. 45).

Gaskill et al.(2000) cita a pesquisa de Waller e seu companheiros (Waller, Hamilton & Shaw, 1992; Hamilton & Waller, 1993), que demonstraram como a exposição à fotos de revistas de moda surtiram um efeito de supervalorização corporal em pacientes de anorexia e bulimia, além do mesmo efeito ter sido registrado em mulheres que não possuem diagnósticos de transtornos alimentares, apesar de afirmarem já manter uma relação restritiva e nada saudável com a alimentação. Gaskill et al.(2000) continua por citar estudos posteriores que mostravam que mulheres que estavam em processos de mudanças corporais, tais quais adolescentes e grávidas, também responderam da mesma maneira.

Segundo Gaskill et al. (2000), a mídia, a moda, as dietas, e qualquer outra indústria que contribua para esse padrão magro insalubre, frequentemente argumenta que não tem culpa quando o assunto são transtornos alimentares, já que nem todas as jovens expostas ao tipo de material divulgados por eles desenvolvem tais transtornos. Em sua resistência as regulamentações, que podem limitar as atividades, eles preferem culpar indivíduos “fracos” pelos problemas desenvolvidos, e continuar a promover um ambiente social onde a insatisfação corporal, principalmente feminina, é o normal e não a exceção. E para Gaskill et al. (2000) tudo se resume ao ambiente social em que estamos inclusos. Para o autor um ambiente social negativo, que incentiva o desenvolvimento de transtornos alimentares é inaceitável e deve ser tratado com urgência até mesmo por autoridades do governo. “Prevenção não é

apenas sobre atitudes e comportamentos individuais, mas sobre criar um ambiente social saudável, onde não há lugar para as atuais atividades questionáveis de várias corporações” (GASKILL et al., 2000, p. 17).

Num contexto similar, Barreto (2013) afirma que na atual sociedade, a mulher tem a obrigação de zelar pelo corpo e pela aparência, de forma tão intensa que deve se tornar parte de seu ser, principalmente na alimentação, que como principal contribuição à um corpo saudável, também se torna motivo de preocupação social. Tanto Freitas et al. (2007) quanto Gaskill et al. (2000) afirmam que os motivos de transtornos alimentares são complexos e multifatoriais. Freitas et al. (2007) pontua que apesar de não poder culpar completamente a indústria da moda pelo desenvolvimento de transtornos alimentares, é impossível negar que as exigências da área favorecem padrões de alimentação anormais, assim como casos completos de TAs (Transtornos Alimentares).

7 CONCLUSÃO

Historicamente, a magreza empregada no início do século XX trouxe para as mulheres uma impressão de liberdade, modernidade, superioridade e até mesmo fé. Mas, dados os resultados obtidos na sociedade contemporânea, é possível concluir que a mulher do século XX trocou a prisão da imagem e posição de mãe, pela prisão do corpo perfeito e sem excessos.

Os reflexos na indústria da moda são gritantes, como cita Navarri (2010), ao relembrar o caso da modelo brasileira Ana Carolina Marcan, que faleceu pesando apenas 40kg, decorrente de um quadro de anorexia nervosa. Ou como no estudo realizado pela Wiley Online Library, no qual vários modelos entrevistados estavam abaixo do peso.

A indústria fornece um ambiente receptivo ao desenvolvimento de transtornos alimentares (Tas), no qual modelos são severamente punidos caso ganhem alguns centímetros em suas medidas, mas por outro lado são intensamente elogiados caso os percam, independente dos métodos tomados, sejam eles práticas características de Tas, ou até mesmo o uso de substâncias ilícitas, como aconteceu nos anos 90, durante o auge do movimento Heroin Chic. Não importa como, nem quantos quilos a menos, uma modelo magra é sinônimo de uma modelo de sucesso. Esse ambiente estabelecido pela indústria da moda pressiona seus funcionários, e censura aqueles que discordam, dando a impressão de que não existe outra alternativa além da conformação.

Toda essa pressão exercida dentro do mundo da moda acaba por refletir naqueles que não estão diretamente ligados a ela. Segundo dados da Associação Brasileira de Psiquiatria, 70 milhões de pessoas sofrem com transtornos alimentares em todo o mundo, o que faz da obsessão pela magreza um fenômeno global. Em pesquisas feitas em revistas, adolescentes entre 11 e 17 anos tem como maior desejo perder peso e se tornarem magras, opinião que outra pesquisa mostrou ser compartilhada por mulheres de meia idade. Se tornou normal as pessoas se espremerem dentro de roupas de tamanhos menores, apenas para serem consideradas atraentes. Mesmo quando pesam o ideal para seus respectivos corpos e se encontram saudáveis, ainda assim, as pessoas buscam emagrecer em prol dos padrões estéticos endossados pela moda.

A moda, tendo como ferramenta a mídia, tornaram a ideia de beleza, e consequentemente de magreza, em uma necessidade do ser.

Ainda que a indústria da moda adore direcionar sua parcela da culpa para as vítimas atingidas, não podemos culpá-la no todo. Como diz Rittenhouse (2021), os transtornos alimentares são complexos e influenciados por diversos fatores.

Apesar de não poder acusar a moda inteiramente pelas proporções que a obsessão pela magreza tomou, é inegável o patrocínio fornecido pela indústria ao vender um padrão praticamente inalcançável, tendo em vista fatores biológicos, tornando-a, não completamente, mas altamente responsável pelo fenômeno crescente dos transtornos alimentares, que assolam a sociedade contemporânea.

REFERENCIAS

AIRES, Aliana. Moda, magreza e empoderamento feminino: o consumo de cigarros como estilo de vida da mulher moderna nos EUA. Comunicação, Mídia e Consumo. Disponível em: rcmc.emnuvens.com.br. Acesso em: 20 fev. 2025.

ANDRADE, Mariana Bruno de. Moda e corpo: a influência do padrão estético em distúrbios alimentares. 2018. 23 p. Monografia (Graduação em Design-Moda) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

BARONE, Michelle Grillo. O que é transtorno alimentar? Nutritotal Pro, 03 jan. 2022. Disponível em: nutritotal.com.br. Acesso em: 24 fev. 2025.

BARRETO, Maria dos Remédios Mendes. Aspectos sócio-culturais dos transtornos alimentares na sociedade contemporânea: estudo bibliográfico. 2013. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saúde Mental) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013. Disponível em: monografias.ufma.br. Acesso em: 9 maio 2025.

BLACKMAN, Cally. 100 anos de moda. São Paulo: Publifolha, 2012.

BOGÀR, Nikolett. The fashion industry and eating disorders: the dangers of the catwalk. Cambridge Scholars Publishing, 2019.

CASSIMIRO, Érica Silva et al. As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia Antiga à contemporaneidade. Revista Eletrônica Print, São João Del Rei, n. 14, p. 61-79, 2012.

CASTELAN, Lia Polegato. O corpo na passarela: corpo e beleza na concepção de modelos profissionais. 2004. 47 p. Monografia (Graduação) – UNICAMP, Campinas, 2004.

CINTRA, Ana Carolina. La Primavera, de Sandro Botticelli. O Globo. Disponível em: blogs.oglobo.globo.com. Acesso em: 05 abr. 2025.

COOCH, Mary. Birth of Venus. Britannica. Disponível em: www.britannica.com. Acesso em: 23 mar. 2025.

DE OLIVEIRA, S. D.; CAIRES, T. F.; DA SILVA, E. F.; DA SILVA, C. R.; VIANA, S. D. L. Percepção da imagem corporal e atitudes alimentares de modelos em São Paulo. RBONE - Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento, v. 12, n. 76, p. 1157-1163, 27 jan. 2019.

FARRELL, Amy Erdman. Fat shame: stigma and the fat body in American culture. New York: New York University Press, 2011.

FIXSEN, Alison et al. I'm Skinny, I'm Worth More: fashion models' experiences of aesthetic labor and its impact on body image and eating behaviors. Qualitative Health Research, v. 33, p. 81, 2022.

FRASER, Laura. The inner corset: a brief history of fat in the United States. In: HAN, B.-C. Sociedade do cansaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

FREITAS, Sílvia R. et al. O lado oculto do mundo da moda. SciELO Brasil. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 8 maio 2025.

GARCIA, Brittany. Vênus. World History Encyclopedia em português. Disponível em: www.worldhistory.org. Acesso em: 8 mar. 2025.

GASKILL, D.; SANDER, F. The encultured body: policy implications for healthy body image and disordered eating behaviours. Brisbane: Publications & Printing Unit, Queensland University of Technology, 2000.

HALNON, Karen Bettez. Heroin chic, poor chic, and beyond deconstructionist distraction. Consumers, Commodities & Consumption. Disponível em: csrn.camden.rutgers.edu. Acesso em: 19 abr. 2025.

HAYES, Heather. The Dangerous Revival of “Heroin Chic”. Heather R. Hayes & Associates, INC. Disponível em: heatherhayes.com. Acesso em: 19 abr. 2025.

HEINZELMANN, Fernanda Lyrio et al. A tirania sobre o corpo: submissão versus subversão feminina. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, p. 297-305, ago. 2014.

LOPES, Luiza. Da corte ao trágico fim: conheça Sissi, imperatriz que inspirou série da Netflix. *Aventuras na História*. Disponível em: aventurasnahistoria.com.br. Acesso em: 5 abr. 2025.

MACHADO, Ana Carolina. Magreza compulsória: a construção do padrão de beleza e a aversão ao corpo gordo. 2022. 30 p. Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria – RS, 2022. Orientadora: Prof^a Dr^a Nikelen Witter. Acesso em: 06 mar. 2025.

MOREIRA, Éric. Vênus de Willendorf: a curiosa estatueta de 30 mil anos atrás. *Aventuras na História*. Disponível em: aventurasnahistoria.com.br. Acesso em: 08 mar. 2025.

NAVARRI, Pascale. *Moda & inconsciente: olhar de uma psicanalista*. São Paulo: Editora Senac, 2010.

OLIVEIRA, Leticia Langlois et al. Transtornos alimentares: o papel dos aspectos culturais no mundo contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 3, p. 575, jul./set. 2010.

RITTENHOUSE, Margot. Models and eating disorders. *Eating Disorder Hope*. Disponível em: www.eatingdisorderhope.com. Acesso em: 03 abr. 2025.

RITTENHOUSE, Margot. What is an eating disorder: types, symptoms, risks, and causes. *Eating Disorder Hope*, 21 jun. 2021. Disponível em: www.eatingdisorderhope.com. Acesso em: 24 fev. 2025.

ROSSI, Bárbara. Por que volta-se a falar sobre o “heroin chic” na beleza? ELLE. Disponível em: elle.com.br. Acesso em: 19 abr. 2025.

ROUSSO, F. et al. Beleza do século. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

SMITH, Alexander et al. “Heroin Chic” in the 2020s. *Swiss Archives of Neurology, Psychiatry and Psychotherapy*, 15 fev. 2023. p. 33.

SOARES, Dorgival. Vênus e Adônis. Balaio Caótico. Disponível em: balaiocaotico.com. Acesso em: 22 mar. 2025.

SOUZA, Amanda Ferreira et al. Relação da utilização de dietas de emagrecimento e do padrão de beleza imposto pela mídia no aparecimento de transtornos alimentares em adolescentes do sexo feminino. *Revista Eletrônica Parlatorium*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 145, jul./dez. 2015.

SPETTIGUE, Wendy et al. Eating disorders and the role of the media. *The Canadian Child and Adolescent Psychiatry Review*, v.13, n.01, 2004.

STEVENSON, N.J. Cronologia da moda. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

TU, Ching-Ting. The relationship between exposure to thin models in fashion magazines and Taiwanese female readers’ perceptions of their body shapes. 2007. 18 p. Dissertação (Mestrado em Arte na Comunicação) – Hawaii Pacific University, 2007.

VIGARELLO, Georges. História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

XIMENES, Maria Alice. Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011; Rio de Janeiro: Editora Senac Rio.

ZYGMONT, Bryan. Venus of Willendorf. Smarthistory. Disponível em: smarthistory.org. Acesso em: 22 mar. 2025.